

O PAPEL DAS TÉCNICAS NO PROCESSO DE PERIURBANIZAÇÃO DA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE – O CASO DE ALDEIA¹

Ailson Barbosa da Silva²

Resumo

A temática periurbana vem ganhando grande dimensão entre geógrafos e urbanistas brasileiros, tanto por ser um fenômeno recente no Brasil, quanto pela tradicional falta de olhares específicos sobre estes espaços. Tradicionalmente a geografia optou por observar o intra-urbano ou o intra-rural, mas desprezaram a existência de uma faixa de transição que possui características próprias e que se diferencia do urbano consolidado e do rural tradicional. É nesta perspectiva que venho trabalhando este tema, que também é tema de minha pesquisa para dissertação de Mestrado em geografia, compreendendo que os espaços vão paulatinamente se modificando no território dos municípios brasileiros produzindo novos arranjos territoriais e que na periferia urbana estas transformações têm ganhado novos contornos, principalmente levados pela chegada das novas tecnologias. Assim, propõe-se aqui analisar como as técnicas influenciaram, e continuam influenciando, no avanço da cidade sobre o campo na Região Metropolitana do Recife.

Palavras chave: periurbano, técnicas, Recife

Abstract

The issue has gained periurban large among geographers and urban Brazilians, both for being a recent phenomenon in Brazil, and the traditional lack of eyes on these specific areas. Traditionally, geography has chosen to observe the intra-urban or intra-rural, but despised the existence of a full transition has its own characteristics and differs from the consolidated urban and rural tradition. Hence, I've been working on this issue, which is also the subject of my research for MSc in geography, including the spaces will be gradually

¹ O texto é resultado das reflexões produzidas durante a disciplina Espaço de Modernidade, promovida pelo Professor Doutor Alcindo Sá, no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco.

² Mestrando em geografia pela Universidade Federal de Pernambuco -ailson.barbosa.silva@gmail.com

changing the territory of municipalities producing new territorial arrangements and in the urban periphery of these transformations have gained new contours, primarily driven by the arrival of new technologies. Thus, it is proposed here to analyze how the techniques have influenced, and continue to influence in advance of the city over the field in the metropolitan area of Recife.

Keyword: periurban, technical, Recife

Introdução

O texto a seguir é fruto de reflexões iniciais sobre a temática periurbana e sobre o papel desempenhado pelo desenvolvimento das técnicas na produção da periferia urbana na Região Metropolitana do Recife. Longe de querer chegar a conclusões definitivas, o texto busca refletir, a partir da obra de Ernesto Sábato, sobre o avanço das técnicas ao longo da história e como tal desenvolvimento implica no avanço do urbano sobre as bordas das grandes cidades. Para tal reflexão tomaremos como objeto o bairro de Aldeia, localizado no município de Camaragibe, município integrante da RMR.

Tal bairro vem sofrendo uma importante transformação de uso do solo nos últimos anos, influenciado pela fuga do caos urbano recifense e pela instalação de empreendimentos imobiliários para classe média na localidade que se favorecem das melhorias estruturais e técnicas implementadas nas últimas décadas. As técnicas, portanto, desempenham um papel importante no processo de periurbanização, destacando-se como fatores fundamentais do avanço do urbano sobre o território rural na Grande Recife.

Considerações iniciais

As técnicas oferecem respostas à vontade de evolução dos homens e, definidas pelas possibilidades que criam, são a marca de cada período da história.

Milton Santos (2008, pag. 63)

Indiscutivelmente, este início de século XXI traz para a humanidade novas perspectivas científicas e tecnológicas, fruto de enormes investimentos financeiros realizados por diferentes países e mesmo de esforços na busca, cada vez maiores, de novas tecnologias, empreendidos por diferentes segmentos de mercado.

Sabidamente, Sábato traduz a essência do papel tecnológico nas transformações que ocorreram ao longo do século passado e que continuam ocorrendo neste início de século XXI. O avanço das técnicas vem gerando dilemas para geografia e para humanidade, e vem

produzindo novos arranjos territoriais, que aqui tentarei exemplificar através de reflexões a respeito da periurbanização³ na Região Metropolitana do Recife.

O fenômeno periurbano é um tanto recente, especialmente em se tratando do caso do Brasil que deixou de ser um país agrário-exportador e passou a ser um país urbano-industrial há pouco mais de meio século. A periurbanização surge para o Brasil, então, como consequência de fenômenos sociais e do desenvolvimento tecnológico.

O que aqui tratarei como fenômeno periurbano constitui-se no avanço da cidade sobre áreas tipicamente rurais – mas não necessariamente agrícola. Os espaços periurbanos aparecem na literatura sob diferentes nomenclaturas – franjas, espaço periurbano, periferia rural-urbana – e são fruto da evolução técnica e de processos sociais intimamente urbanos. Adiante tratarei de melhor detalhar tal conceito.

Com o desenvolvimento de novas técnicas e a ampliação do conhecimento humano sobre a Terra, buscou-se cada vez mais dominar a natureza a fim subordiná-la aos desejos e ambições do homem. No entanto, como bem narra Sábato “o homem secularizado lança finalmente a máquina contra a natureza, para conquistá-la. Mas dialeticamente ela terminará dominando seu criador” (1951, p.29). O aquecimento global vivido nos dias atuais fruto de uma ação humana com o apoio das técnicas, é um exemplo perfeito da revanche da natureza contra este homem secular. As bruscas mudanças que vem ocorrendo no planeta Terra nos últimos séculos surgem como resultado da ação antrópica em busca da dominação da natureza, ou mesmo como resultado da luta do homem contra a própria natureza.

O homem não teve tempo para adaptar-se às repentinas e poderosas transformações que sua técnica e sua sociedade produziram em sua volta e não é arriscado afirmar que boa parte das enfermidades modernas sejam os meios de que está valendo o cosmos para eliminar esta orgulhosa espécie humana. As técnicas, portanto, vem produzindo vantagens e desvantagens para esta humanidade inconsciente, e por vezes, irresponsável.

³ Para Witacker (2006, p.148) a periurbanização é caracterizada pelo crescimento do setor terciário e por uma tendência para o aumento da população dos subúrbios ser superior a do centro. Já Ojima e Hogan defendem que se refere à expansão da mancha urbana em direção às suas periferias, mas de uma forma muito diferente do complexo conceito de periferização da população utilizado pela literatura brasileira, sobretudo, a partir da década de 1970.

O desenvolvimento das técnicas – da idade média aos dias atuais

As técnicas se constituem ao longo da história como meios de dominação e exploração do homem sobre o meio natural. Desde a descoberta do fogo à era das comunicações cada técnica representou um avanço e uma nova etapa da história.

Com o advento do capitalismo, buscou-se sempre avançar na produção de novas tecnologias, de forma a ampliar a capacidade de conquista, lucro e exploração do homem sobre a natureza. Para Sábato:

Ao desenvolvimento do capitalismo correspondeu um desenvolvimento paralelo da indústria. E o avanço do conhecimento científico foi a contrapartida desse processo, em um complexo movimento recíproco: as necessidades técnicas forçavam os avanços da ciência pura e estes traziam novas possibilidades à técnica (SÁBATO, 1951, p.45).

Cada nova técnica representa a obsolescência da anterior e a busca incansável por outra mais moderna. As novas possibilidades trazidas pelo avanço das técnicas traziam consigo a necessidade de produção de novas tecnologias, exigindo cada vez mais o avanço da ciência e do conhecimento. Vale destacar que o desenvolvimento das técnicas não representa, necessariamente, a democratização destes instrumentos para toda sociedade.

Segundo Santos:

Ao surgir uma nova família de técnicas, as outras não desaparecem. Continuam existindo, mas o novo conjunto de instrumentos passa a ser usado pelos novos atores hegemônicos, enquanto os não hegemônicos continuam utilizando conjuntos menos atuais e menos poderosos (SANTOS, 2008, p.25).

O burguês da Idade Média deu excessiva importância para dois temas: liberdade e realismo. Este homem havia emergido como realista, preocupando-se apenas pelo que tinha diante de seu nariz, desconfiando de toda espécie de abstrações (SÁBATO, p.36). Até então tudo que não era real tornava-se desprezível. A ciência, no entanto, é incapaz de sobreviver sem abstrações, afinal é a partir do abstrato, das reflexões e questionamentos que se criam as teorias. Como propõe Sábato (1951, p.36) com alavancas e rodas não se faz ciência moderna: é necessário unir os fatos em um esquema racional e abstrato, produzindo, portanto, modelos.

No mundo moderno a ciência se fundamenta em uma nova lógica diferente do período anterior. Enquanto que na Idade Média o feudo se constituía no elemento principal da economia e da vida da sociedade, no período Moderno este fundamento se reconfigura. É nesta nova etapa da história que se define uma nova lógica de exploração da natureza e de organização social. No período em questão, o fundamento moderno é a cidade: a sociedade resultante é dinâmica, liberal e temporal (SÁBATO, 1951 p.29).

As cidades se constituíram na nova forma de organização social na Idade Moderna e veio se ampliando ao longo dos séculos seguintes. Neste período consolida-se esta forma de organização influenciada, também, pela técnica. Paradoxalmente, o homem renascentista que enxergava na máquina sua maior criação, vê-la voltar-se contra o mesmo dominando-o e conquistando-o. Definitivamente, nosso mundo Moderno não teria sido possível sem a técnica (SÁBATO, 1951 p.82).

O homem, orgulhoso de sua criação - as técnicas - cantou exaltadamente a máquina. As técnicas que representavam à superação dos limites humanos, o prolongamento do braço, a multiplicação da força através da alavanca e da rapidez mediante o carro e a nau, se constituíram adiante no seu maior adversário no concorrido mercado de mão-de-obra. No entanto, defende Sábato (p.133) a máquina não é jamais nosso inimigo, mas nossa prolongação desejada.

O Marxismo que se desenvolveu sob o signo da ciência e da técnica, não criticava a máquina, mas o seu uso capitalista. O século XX se revela então como o século das grandes invenções técnicas, como sempre ocorreu nas grandes viradas da história, quando foi necessário expressar uma nova realidade, que não mais pode ser expressa em moldes já caducos (SÁBATO, 1951 p.107).

No Brasil do século XX, e em especial nas grandes metrópoles brasileiras, assistiu-se a um avanço urbano sobre áreas tradicionalmente rurais – porém não necessariamente agrícolas – produzindo novas categorias conceituais para o processo de urbanização e para os espaços produzidos a partir destes novos fenômenos.

O desenvolvimento urbano vai de par com o desenvolvimento das técnicas e não diferente “o desenvolvimento da história” (SANTOS, 2008 p.24) também acompanha o desenvolvimento tecnológico. Em nossa época, o que é representativo do sistema de técnicas atual é a chegada da técnica da informação, por meio da cibernética, da informática, da eletrônica (Idem, p. 25).

A técnica da informação assegura relações que antes não eram possíveis. As telecomunicações encurtaram distâncias e permitiu que investidores de variadas partes do mundo pudessem “especular com um cereal que jamais viu” (SANTOS, 2008 p.46) tornando as relações comerciais e financeiras mais abstratas, permitindo a convergência dos momentos, a simultaneidade das ações e acelerando o processo histórico.

Com as novas tecnologias, principalmente a partir das telecomunicações as cidades se expandiram em direção a sua periferia. Mas não apenas as telecomunicações foram determinantes nesta expansão, a mobilidade proporcionada pela tecnologia dos transportes –

principalmente a partir da conquista do carro próprio pela classe média – representou o divisor de águas nesta “revolução” urbana.

Desempenhando um papel de destaque na expansão da cidade, o carro permitiu a criação de “espaços exclusivos” para classe média na periferia rica das grandes cidades e, acompanhado das revoluções técnicas do campo, expulsou e expulsando agricultores de seus tradicionais espaços de trabalho e formando um novo exército de mão-de-obra e trabalhadores subordinados e desterritorializados.

O papel do tempo

Nos dias atuais em que o lucro é o objetivo maior a ser alcançado, tanto pelo homem quanto pelas empresas, o tempo torna-se objeto precioso. O tratamento dado a este elemento transformou-se definitivamente ao longo da história. Enquanto que o mundo feudal era um mundo qualitativo: o tempo não se media; no mundo atual, em que a concorrência é o elemento definidor das relações humanas, sociais e comerciais, em que tempo é ouro, é natural que se meça minuciosamente (SÁBATO, 1951 p.30).

Se o tempo se transforma ao longo da história, com espaço não será diferente. A redução das distâncias foi um objetivo buscado com ganância por diferentes sociedades. Viver próximos uns dos outros significava a formação de laços culturais e de defesa mútua, o que em muitos casos acabou por formar cidades gigantescas como relata a história das cidades.

A busca cada vez maior da dominação e do conhecimento do espaço seguia na lógica de apropriar-se do território e dominá-lo. A partir da Idade Média a relação do homem com a natureza se modifica e os interesses humanos são colocados acima de tudo e de todos. Surgem corporações financeiras, interesses comerciais e um modelo econômico que buscava sempre a vantagem, o lucro e coisificação do homem.

O mundo da ciência ignora os valores (SÁBATO, 1951 p.49). Nos séculos seguintes busca-se então produzir uma ciência lógica voltada a compactar o espaço e o tempo.

As técnicas na etapa atual

Sábato propõe em seu livro uma importante reflexão sobre o papel das técnicas, da máquina e de seu desenvolvimento. Para o autor o espaço se quantifica ao longo da história da humanidade e o avanço das técnicas faz “nascer o dogma do progresso geral e ilimitado” (1951, p.55). Para o autor, uma empresa que freta um barco carregado de valiosas mercadorias não vai confiar nesses desenhos de um ecúmeno rodeado de grifos e sereias: necessita de cartógrafos, não de poetas.

Com o avanço da concorrência de mercado, fruto do desenvolvimento do capitalismo comercial necessita-se cada vez mais de uma ciência matematizável, exata. A produção de novas técnicas buscava cada vez mais a precisão, a diminuição das possibilidades de erros. Buscaram-se, incansavelmente matemáticos que calculasse o ângulo do tiro. Engenheiros civis que construíssem canais e diques e não mais da abstração poética.

Para Freyre:

A construção de estradas de rodagem, estradas de ferro, portos, aeroportos, linhas de canalização, linhas de telégrafo – são obras de engenharia física com repercussões psicossocioculturais capazes de beneficiarem tais interrelações, sobretudo interrelações entre gentes urbanas e gentes rurais (FREYRE, 1982, p. 53)

Definitivamente o desenvolvimento das técnicas contribuiu para mudanças comportamentais e locacionais, principalmente relacionadas localização de grupos populacionais abastados. Ao longo do século XX, principalmente no entorno dos grandes aglomerados urbanos brasileiros, mas também em outros países, produziu-se um movimento em direção às suas bordas. Este movimento foi protagonizado, principalmente, pela classe média. Alguns autores defendem que esta mesma classe média seguia nesta direção em busca da melhoria da qualidade de vida, dos recursos naturais, das amenidades, mas também como uma fuga do caos urbano e da violência.

Contudo, a técnica aparece em outras obras como fator fundamental deste deslocamento. Segundo Dupuy *apud* Egler:

A elevação do nível de vida e o acesso progressivo da classe média ao carro individual, cuja generalização nos países industrializados contribuiu profundamente para as transformações sofridas pelas grandes cidades (DUPUY *apud* EGLER, 2001, p. 16)

As cidades se transformaram tão rapidamente nos últimos anos, quanto a globalização mudou o rumo da história. O progresso técnico conduziu as cidades a uma nova lógica territorial, com uma concentração periurbana cada vez maior, das populações abastadas.

Para Sábato no século XX o mundo está chegando às últimas conseqüências de uma civilização tecnolátrica. O capitalismo tende a formar capitais crescentes, isso provoca a concentração industrial, que por sua vez é causa de uma monstruosa expansão das cidades. A globalização e o avanço tecnológico propiciam uma chegada a lugares cada vez mais distantes e possibilita uma mobilidade cada vez mais eficiente. Para Santos (p.24) a cada evolução técnica, uma nova etapa histórica se torna possível.

A globalização marca um momento de ruptura nesse processo de evolução social e moral que se vinha fazendo nos séculos precedentes. É irônico recordar que o progresso

técnico aparecia como uma condição para realizar essa sonhada globalização (...). Finalmente, quando esse progresso alcança um nível superior, a globalização se realiza, mas não a serviço da humanidade. A globalização devolve o homem à condição primitiva de cada um por si (SANTOS, 2008 p.65).

É nesta nova etapa histórica que a cidade torna-se cada vez menos humana, menos vivida. Para Sábato (1951, p.60) “em nossas grandes cidades já desapareceu essa sensação do tempo cósmico: nossos altos edifícios nos impedem de acompanhar as fases da lua, a marcha das constelações, o nascer e o pôr do sol”.

O homem atual, preocupado com as questões ambientais e em busca de uma maior qualidade de vida para si e para sua família tenta fugir desta cidade-máquina, desta cidade-pedra. Avança este mesmo homem sobre áreas virgens, naturais, onde há de encontrar amenidades e um contato maior com a natureza. Influenciadas também pela saturação dos grandes centros urbanos as cidades tendem a se expandir e ocupar, cada vez mais, suas bordas e periferias.

Na era atual torna-se impossível falar de técnica sem tratar de seu papel na economia e no cotidiano das pessoas. Um homem cidadão, hoje, já não precisa ir ao banco para consultar seu saldo ou movimentar sua conta bancária. Estes serviços são realizados por telefone ou internet, de sua casa ou trabalho; Um investidor americano aplica recursos numa empresa brasileira sem nunca ter ido à sua sede, e o faz de forma automática utilizando-se das tecnologias da informação; as guerras e os atentados terroristas agora são transmitidos simultaneamente.

O espaço periurbano e algumas reflexões conceituais

O tema periurbano – ou das franjas urbano-rurais, tais como venho adotando em outros trabalhos – vem ganhando enorme relevância nos estudos urbanos. Este conceito que reflete uma dinâmica social de avanço do urbano sobre o rural, ou de uma mistura complexa de atividades de uso do solo típicas do campo, em meio às atividades e objetos tradicionais da cidade, vem se revelando um campo de estudos de grande relevância para geografia urbana.

Enormes tentativas têm sido empreendidas no sentido de conceituar os limites, diferenças e similitudes entre campo e cidade. Geógrafos e outros pesquisadores têm dado importantes contribuições para isso, mas ao fazer tal exercício estaríamos desconsiderando o espaço intermediário – ou a faixa de transição – que cada vez fica mais evidente entre o território urbano e rural.

Miranda (2008) destaca algumas abordagens clássicas sobre a temática periurbana, dentre elas Wehrwein (1942), Lively (1953), Golledger (1960), Pahal (1962), Pryor (1971) e Kayser (1990). Smith em 1930 realizou a primeira sistematização das áreas de transição urbanas, para quem se constituem em “áreas construídas próximas aos limites administrativos da cidade”. Já Pryor buscou conceituar os espaços periurbanos como

Zona de transição do uso da terra situada entre (a) a continuidade das áreas urbanas e suburbanas da cidade central, e (b) o interior rural, caracterizada pela ausência quase total de alcance e penetração de serviços de utilidade pública urbana, descoordenado zoneamento ou planejamento regulamentares; uma real extensão dos limites políticos da cidade central; e um aumento real e potencial da densidade populacional em relação ao torno de zonas rurais, mas inferior ao centro da cidade. Estas características podem mudar com o tempo.

Segundo Souza (2005, p.27) essa faixa de transição é chamada entre os geógrafos anglosaxões, de franja rural-urbana, e, entre os franceses, comumente, de espaço periurbano. O autor faz um exercício de diferenciar a cidade do espaço periurbano, para quem a cidade é “um espaço não agrícola e de comércio e oferecimento de serviços”. Até aí tudo bem, e como propõe o próprio autor “nada mais óbvio”.

Seria simples não fossem as “extravagâncias espaciais” encontradas no espaço urbano, como no Recife, por exemplo. E acrescenta Souza sobre as extravagâncias espaciais:

Não é tão simples assim porque podem estar concentradas como minúsculas ilhotas em meio ao espaço construído plantações de hortaliças, verduras e legumes, desenvolvidas em baixo de torres de alta tensão ou em terrenos que dificilmente se prestariam a outro aproveitamento econômico (SOUZA, 2005).

Souza admite ser comum a existência de uma “faixa de transição entre o uso da terra tipicamente rural e o urbano no território das cidades” e acrescenta, “quanto maior a cidade mais complexo tende a ser o espaço periurbano”. Para ele na franja rural-urbana são encontradas lógicas: uma rural e uma urbana. A lógica rural é a lógica da terra enquanto terra de trabalho para agricultura e a pecuária. A terra neste caso tem um valor “intrínseco devido a fertilidade natural”. A lógica urbana é a do solo enquanto um simples suporte para atividades que independem de seus atributos de fertilidade: produção industrial, atividades terciárias, habitação e circulação. Para o autor, muitas vezes, o que pode confundir na análise da franja rural-urbana é a face visível do espaço (a paisagem) que continua tendo um aspecto rural, às vezes até belamente bucólico – algumas plantações, muito verde, grandes espaços servindo de pastagem para algumas cabeças de gado -, quando, na verdade, por trás disso se verifica uma presença insidiosa de lógica urbana de uso do solo.

Tais características podem ser facilmente identificadas em Aldeia (Camaragibe-PE) como mostrada na imagem abaixo.

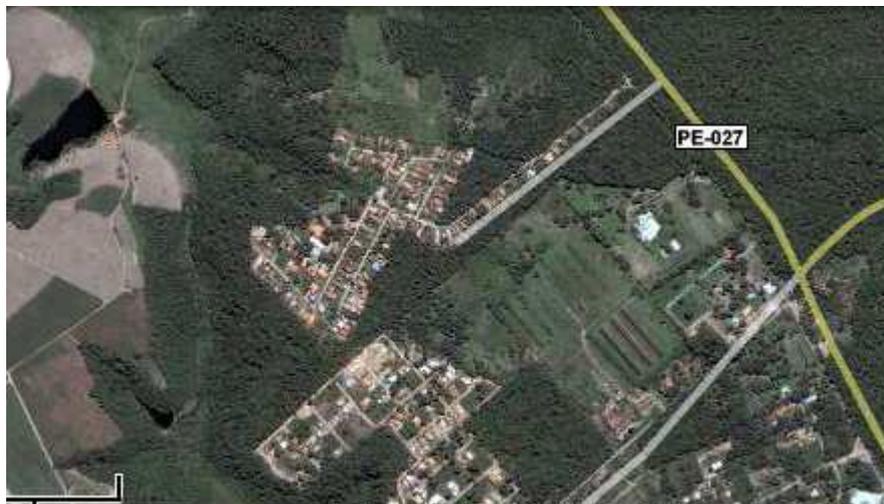


Figura 1 - Aldeia, município de Camaragibe, localizada a oeste do município do Recife. É uma das 14 cidades da RMR. Fonte: www.googlemaps.com

Numa análise espacial desta imagem identifica-se uma lógica urbana de uso do solo, através das habitações de classe média, com suas piscinas e grandes quintais. Tais residências servem como espaços de descanso e lazer, e mesmo como moradias de primeira e segunda residência para as famílias de maior poder aquisitivo. Na mesma imagem, identifica-se a existência de uma lógica agrícola, através do uso da terra para fim de plantação ordenada, como pode ser constatado à esquerda da foto. Desta forma, segundo as definições de Souza podemos afirmar que em Aldeia encontramos um pedaço do espaço periurbano da RMR.

Analisando o espaço de Aldeia numa escala mais ampla, vamos identificar a existência de muitos hotéis de campo, sítios, clubes de lazer, moradias de classe média e mesmo moradias populares, além, claro, de espaços agrícolas voltados a plantação de cana-de-açúcar, criação de animais e outros elementos.

Miranda (2008) produziu um importante trabalho de Doutorado a respeito do planejamento em áreas periurbanas. A autora tomou como objeto de estudos a faixa oeste da RMR, entre estão os municípios de Araçoiaba e Camaragibe. Além de uma importante contribuição para este tema, a autora propôs a um conceito para as franjas urbana-rurais, sendo:

Espaços plurifuncionais, em que coexistem característica e usos do solo tanto urbanos como rurais – presença dispersa e fragmentada de usos e ausência de estrutura urbana coerente que proporcione unidade espacial, submetidos a profundas transformações econômicas, sociais e físicas, com uma dinâmica

estritamente vinculada à presença próxima de um núcleo urbano (MIRANDA, 2008)

Aldeia vem sofrendo um intenso processo de periurbanização nas últimas décadas, mais especificamente a partir dos anos 60. A chegada de granjas de lazer e, posteriormente, uma considerável expansão de condomínios de classe média, passaram a reforçar as características deste espaço de transição.

Segundo Miranda, em Aldeia:

A ocupação do solo é caracterizada por duas tipologias: a primeira é uma área mista, com população de maior rendimento, que reside em condomínios fechados, granjas, chácaras, dentre outras tipologias habitacionais de alto padrão construtivo. Nessa Aldeia, concentram-se, também, os domicílios de segunda residência; a segunda é uma periferia popular, que decorre do modelo de expansão metropolitana centro periférico (...)

Essa primeira tipologia, de que trata Miranda, se deve ao fato de Aldeia está diretamente submetida ao processo de transformação do espaço rural em urbano. A possibilidade de transformação é dependente de um confronto entre as rendas a serem obtidas com a produção agrícola e com a venda de terras para fins urbanos. Neste caso, a terra tende a seguir para o setor mais rentável. Mais cedo ou mais tarde, graças ao diferencial de renda, o uso agrícola da periferia é substituído por um urbano (CORREA, 1995 p.19). Tal processo é identificado em Aldeia, principalmente nos últimos anos, em que a necessidade de expansão metropolitana tem encontrado naquele território um vasto banco de terras, próximas ao centro principal metropolitano; e o desenvolvimento das técnicas de comunicação e mobilidade, aliado aos investimentos públicos localizados naquela região, favorecem o processo de periurbanização.

O periurbano na RMR: o caso de Aldeia

Chegamos aos dias atuais com uma progressiva expansão das áreas periurbanas brasileiras. Metrópoles como Recife vem passando por processos contínuos de expansão de sua periferia. No Recife constata-se uma ampliação de áreas periurbanas, tais como Aldeia. Esta expansão, que se inicia na segunda metade do século XX, acompanhou a promoção de melhorias estruturais na localidade, o acesso da classe média ao carro próprio e a instalação de equipamentos e serviços urbanos.

Até os anos 1960, Aldeia se caracterizava como espaço de produção predominantemente agro-açucareiro. A partir dos anos 70, expande-se a instalação de

acompanham o processo de periurbanização em Aldeia que por sua vez está influenciada pelo incremento de novas tecnologias na região.

A lógica de expansão urbana e suas conseqüências são verificadas nesta região, mas também se aplica em outros territórios periurbanos do Brasil e do Mundo. O fenômeno periurbano se apresenta como um modelo de ação - da produção de novas tecnologias, do capitalismo e da urbanização – e reação, através da problemática produzida a partir de então. Definitivamente, nosso mundo moderno não teria sido possível sem as técnicas.

Reflexões finais

Na segunda metade do século XX, a abertura da rodovia favoreceu um intenso processo de urbanização no local, sendo atraídos para o local muito investimento imobiliário e populações de alto poder aquisitivo. Expandiu-se a periferia pobre e transformou-se a paisagem, que até os anos 1940 era predominantemente constituída de cana-de-açúcar. Nos anos seguintes viu-se expandir a construção de condomínios de classe média alta, clubes de lazer rural, hotéis de campo e outras atividades, tipicamente, urbanas.

Definitivamente, as técnicas desempenharam e vem desempenhando um papel fundamental na produção do espaço periurbano da Região Metropolitana do Recife, principalmente em Aldeia. A abertura da PE-27 facilitou a instalação de equipamentos habitacionais de classe média na região, além de permitir o deslocamento diário dos moradores de classe média – que se configuram como trabalhadores pendulares – entre a região de Aldeia e o centro do Recife.

Tal facilidade, no entanto, não é encontrada pela população de menor poder aquisitivo local que, diante da situação de não possuir automóvel próprio e da inexistência de transporte coletivo entre Aldeia e o Centro do Recife, enfrentam dificuldades para acessar equipamentos de saúde e educação, além de oportunidades de emprego.

A instalação de serviços de água, luz e telefone também se efetivaram em meios técnicos que favoreceram o processo de periurbanização em Aldeia. Tais transformações que se acumulam num espaço tipicamente rural, produzem uma nova face ao espaço e o coloca numa nova categoria, não mais como parte do campo, nem como extensão da cidade; tal espaço se configura como parte de franja rural-urbana da Região Metropolitana do Recife, tal como temos adotado em outros trabalhos.

Pensar a nova face de Aldeia requer pensar as condições que vem favorecendo a produção desse novo território. Indiscutivelmente, o desenvolvimento das técnicas de transporte e comunicações influenciou diretamente tal produção. Além disso, as técnicas

também ganham papel de destaque na relação de subordinação⁴ da mão-de-obra, já que modifica a estrutura produtiva local e empurra os trabalhadores para desempenhar outros papéis que não mais o de trabalhador agrícola.

Por fim, cabe-nos destacar a importante contribuição reflexiva que nos proporcionou Ernesto Sábato a partir de seus escritos. Definitivamente, não teria sido possível chegar as conclusões da importância das técnicas no processo de periurbanização sem a leitura que nos foi oferecida pelo autor. Com sua filosofia e abstração que são características da obra de Sábato, o autor deixa-nos uma importante tarefa de olhar as técnicas a partir de outras perspectivas e foi o que tentei fazer neste trabalho que, evidentemente, não teve objetivo de chegar a conclusões definitivas, mas de apenas iniciar reflexões práticas a respeito do tema.

Bibliografia

EGLER, Claudio A. G. **Subsídios à caracterização e tendências da rede urbana do Brasil configuração e dinâmica da rede urbana**. Petrópolis: 2001.

FREYRE, Gilberto. **Rurbanização: que é?** Recife: Editora Massangan, 1982.

MIRANDA, Livia Isabel de Bezerra, **Produção do espaço e planejamento em áreas de transição rural-urbana: o caso da Região Metropolitana do Recife - PE** / Livia Isabel Bezerra de Miranda. – Recife: O Autor, 2008.

NEVES, Delma Pessanha. **Lavradores e pequenos agricultores de cana: estudos de formas de subordinação dos pequenos produtores agrícolas ao capital**. Zahar Editora: Rio de Janeiro, 1981.

OJIMA, R.; HOGAN, D.J. Crescimento Urbano e Peri-Urbanização: Redistribuição Espacial da População em Novas Fronteiras da Mudança Ambiental. In: **IV Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade**, 2008, Brasília. Anais do IV Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade. Campinas : ANPPAS, 2008.

PRYOR, Robin J. **Defining the Rural-Urban Fringe**. <http://www.jstor.org/stable/2575150>. Acessado em 14/05/2010.

SÁBATO, Ernesto. **Homens e engrenagens**. Campinas: Papyrus, 1993.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

⁴ Para Neves (1981) a subordinação envolve a compreensão das relações sociais de produção dominante, sob a égide de uma das formas de expressão do capital – comercial, industrial e financeiro - e o meio através do qual se dá a apropriação do trabalho

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

WITACKER, Arthur Magno. **Cidade Imaginada. Cidade concebida**. In SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão e WITACKER, Arthur Magno. *Cidade e campo: relações e contradições entre rural e urbano*. São Paulo: Expressão popular, 2006.